



DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2025v27id5482>

GÊNERO E APRENDIZAGENS: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS EM UM PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL

Gender and learning: experiences of university students

Género y aprendizaje: experiencias de estudiantes universitarias

Karine Keily Rangel Teixeira¹, Maria Celeste Reis Fernandes de Souza², Cristiane Mendes Netto³

Resumo: O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo compreender processos que configuraram a relação com o saber estabelecida por mulheres estudantes do ensino superior, em um período de isolamento social, na transição do ensino presencial para o ensino remoto, em função da covid-19. Como referências teóricas, adotam-se os estudos de gênero e educação, a teoria da relação com o saber, na acepção de Bernard Charlot, e contribuições da geógrafa Doreen Massey. No percurso metodológico do trabalho assume-se o enfoque (auto)biográfico adotado nas pesquisas em educação. O material empírico foi produzido por meio de entrevistas narrativas com três estudantes dos cursos de Pedagogia, Ciências Contábeis e Medicina Veterinária e opera-se, na análise, com o conceito de “lugares-dentro-dos-lugares” de Doreen Massey. Os resultados mostraram que suas vivências e aprendizagens se tecem em práticas de cuidado femininas, que antecedem o contexto da covid-19 e permeiam suas condições de estudantes no ensino superior. O artigo ressalta as inúmeras sequelas e retrocessos causados pela pandemia da covid-19 no que tange à educação, trabalho, saúde e à busca pela equidade de gênero.

Palavras-chave: aprendizagem; gênero; ensino superior.

¹ Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) | Governador Valadres | MG | Brasil | E-mail: karinekeily@hotmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1521-4055>

² Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) | Governador Valadres | MG | Brasil | E-mail: celeste.br@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6955-5854>

³ Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) | Governador Valadres | MG | Brasil | E-mail: cris.netto@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5725-8323>

Abstract: This article presents the results of a study aimed at understanding the processes that shape the relationship with knowledge established by female students in higher education during the transition from face-to-face to virtual learning due to the Covid-19 pandemic. The theoretical framework includes studies on gender and education, Bernard Charlot's theory of the relationship with knowledge, and contributions from geographer Doreen Massey. The methodological approach of the study adopts the (auto)biographical perspective commonly used in educational research. The empirical data were collected through narrative interviews with three students from the fields of Pedagogy, Accounting, and Veterinary Medicine, and the analysis was conducted using Doreen Massey's concept of "places-within-places." The results indicate that their experiences and learning processes are intertwined with feminine care practices, which predate the Covid-19 context and influence their conditions as remote learners. The study highlights the numerous consequences and setbacks caused by the Covid-19 pandemic in education, work, health, and the pursuit of gender equality.

Keywords: learning; gender; higher education.

Resumen: El artículo presenta los resultados de una investigación cuyo objetivo fue comprender los procesos que configuran la relación con el conocimiento establecida por mujeres estudiantes de educación superior durante la transición de la enseñanza presencial a la virtual debido a la Covid-19. Como referencia teórica, se adoptan los estudios de género y educación, la teoría de la relación con el conocimiento según Bernard Charlot, y las contribuciones de la geógrafa Doreen Massey. En el recorrido metodológico del trabajo, se asumió el enfoque (auto)biográfico adoptado en las investigaciones en educación. El material empírico se produjo a través de entrevistas narrativas con tres estudiantes de los cursos de Pedagogía, Contabilidad y Medicina Veterinaria, y en el análisis se emplea el concepto de "lugares-dentro-de-los-lugares" de Doreen Massey. Los resultados muestran que sus experiencias y aprendizajes están entrelazados con prácticas de cuidado femeninas, que preceden al contexto de la Covid-19 y atraviesan sus condiciones como estudiantes en la educación remota. Destaca las numerosas consecuencias y retrocesos provocados por la pandemia de Covid-19 en términos de educación, trabajo, salud y búsqueda de la igualdad de género.

Palabras clave: aprendizaje; género; educación superior.

1 INTRODUÇÃO

Desde o período da pandemia da covid-19, diferentes estudos têm sido realizados para compreender a educação frente aos impactos e a experiência vivida no contexto pandêmico: acesso e permanência, transição do presencial para o virtual, legislações, processos e práticas educativas, expondo as desigualdades educacionais, de modo geral, e alertando para as variáveis de gênero, classe, raça, que devem ser ponderadas (Moreira; Schlemmer, 2020; Corrêa; Fernández; Reyes, 2021; Sampaio; Amaral; Carneiro, 2023; Aguiar; Vilarinho, 2023). Este artigo visa contribuir para esses debates e utilizou as lentes de gênero em um estudo que teve como objetivo compreender processos que configuraram a relação com o saber estabelecida por mulheres estudantes do ensino superior, na transição do ensino presencial para o ensino virtual, em função da covid-19.

Organizações, como a Rede Brasileira de Mulheres Cientistas (RBMC, 2025) e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2025), têm denunciado as desigualdades de gênero no Brasil, o seu acirramento pela pandemia da covid-19 e os possíveis retrocessos na luta pela equidade de gênero, provocados: “Através de uma lente de gênero é possível analisar os efeitos da pandemia da Covid-19 de forma a captar e demonstrar as desigualdades, iniquidades e vulnerabilidades que marcam o espaço social” (Fiocruz, 2022). Como mulheres, educadoras e pesquisadoras, vivenciamos as incertezas na saúde, nas relações pessoais e profissionais que passaram a ser mediadas pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Consideramos que apresentarmos as experiências vividas é relevante para compreendermos novas demandas da sociedade, assim como para registrarmos os percursos e as medidas adotadas no período pandêmico, no intuito de orientar novas práticas, em outras situações de necessidade de isolamento social.

Na educação, especialmente nos dois primeiros anos de pandemia, os processos educativos – da educação básica ao ensino superior, operaram um movimento de transição – do ensino presencial para o ensino remoto. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada durante esse período, envolvendo estudantes mulheres, matriculadas no ensino superior. Adota-se gênero como categoria de análise reconhecendo-o como produção social e cultural engendrada em relações de poder (Scott, 1995; Souza; Fonseca, 2013; Casagrande; Souza, 2017; Incerti; Casagrande, 2018); estudos que apontam a ampliação da inequidade de gênero causada pela pandemia (ONU Mulheres, 2020a, 2020b), e as contribuições de Doreen Massey, com os “lugares-dentro-dos-lugares” (Massey, 2015, p. 253), para refletir sobre a transição do ensino presencial para o remoto e a diversidade de lugares ocupados pelas mulheres.

Adota-se, também, a teoria da relação com o saber (Charlot, 2000, 2009, 2021), que nos permite a conexão entre vivências e aprendizagens, por inscrevê-las na tríade antropológica, sociológica e singular, bem como reconhecer as dimensões epistêmicas,

identitárias e sociais, o que, do nosso ponto de vista, favorece a correlação aprendizagem e gênero, evitando-se, assim, as armadilhas de abordagens estritamente cognitivas que tendem a escamotear desigualdades de gênero. O trabalho apresenta resultados e discussões a partir das entrevistas narrativas, com o enfoque (auto) biográfico (Delory-Momberger, 2014; Souza, 2014; Passeggi, 2020; Reis, 2021), realizadas com três estudantes do ensino superior, e opera-se na análise com a os “lugares-dentro-dos-lugares” (Massey, 2015, p.), buscando vivências e aprendizagens das estudantes, no contexto da covid-19.

2 CENÁRIOS DO ESTUDO

A substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, durante a pandemia da covid-19, foi autorizada pelo Ministério da Educação (MEC), em caráter excepcional, em março de 2020 (Brasil, 2020). Em agosto de 2021, pela Resolução CNE/CP nº 2, foram instituídas diretrizes nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e regularização do calendário escolar (Brasil, 2021). Nesse sentido, as instituições gradativamente se mobilizaram para o retorno às atividades de forma presencial, em todos os níveis da educação nacional, sendo observadas as orientações de protocolos de segurança das autoridades sanitárias locais. Cabe destacar a importância das vacinas e do acesso da população brasileira a elas, o que nos permitiu, dentre outras coisas, a reabertura de escolas e universidades.

O deslocamento de atividades presenciais para aulas em meios digitais colocou em cena o uso das TDIC em educação, que passaram a ser adotadas para viabilizar a atividade educativa. Desse processo, surgiu a denominação de “ensino remoto”, que se refere a um distanciamento geográfico entre docentes e discentes (Moreira; Schlemmer, 2020). Assim, de forma emergencial, foram transferidos para o ciberespaço, práticas e metodologias típicas dos espaços físicos das salas de aula. Adotando o recorte de gênero para refletir sobre o ensino remoto e a mediação das TDIC, enfatizamos as barreiras históricas enfrentadas pelas mulheres, tanto no percurso formativo quanto no profissional, quando se trata das tecnologias (Incerti; Casagrande, 2018).

A exclusão digital de gênero é abordada em documento publicado pela Unesco, que destaca, pela experiência com crises anteriores, que as meninas ficam particularmente vulneráveis nos fechamentos prolongados das escolas. Mesmo que meninas e mulheres vivam em países com melhores condições de estrutura e conectividade, elas costumam ter menos acesso à tecnologia e ficam mais expostas à violência de gênero, como exploração sexual e gravidez precoce e indesejada (Unesco, 2020b). Esse documento denuncia o aumento do trabalho não remunerado para meninas e mulheres em virtude do fechamento das escolas, limitando, assim, o tempo disponível para os estudos em casa, em flagrante desigualdade de gênero.

É fundamental considerar as desigualdades de gênero no âmbito laboral, incluindo o trabalho doméstico não remunerado, que é majoritariamente assumido por mulheres (IBGE, 2021). Essas situações exacerbam as disparidades de gênero, um problema que se intensificou durante a pandemia de covid-19 (ONU Mulheres, 2020a, 2020b; Unesco, 2020a, 2020b).

No trabalho de Souza e Fonseca (2013), a casa é destacada como território doméstico marcado por relações desiguais de gênero. "Parece 'natural' que as mulheres cuidem e assumam as práticas do cuidado dos filhos, da casa, do companheiro, mesmo que tenham, assim como eles, enfrentado uma dura jornada de trabalho" (Souza; Fonseca, 2013, p. 263). As autoras argumentam que as mulheres não somente habitam territórios, como também atribuem significados próprios a esse habitar, com base nas vivências culturais e pela própria condição feminina, culturalmente aprendida. O que supõe pensar que a forma com a qual a mulher se insere no território da casa, marcado pela tecnologia, no contexto de pandemia, diferencia-se dos outros moradores da casa (filhos/as, companheiros, etc.) pelas assimetrias de gênero históricas e socialmente produzidas.

Considerando os territórios da casa, a multiplicidade de tarefas femininas e os diferentes tempos-espacos vivenciados no ensino remoto (Sampaio; Amaral; Carneiro, 2023), buscamos contribuições da geógrafa Doreen Massey, que estudou o ambiente acadêmico e concluiu que ele "estava ligado a dois tipos diferentes de tempo-espaco: o laboratório científico e o lar" (2015, p. 250). O trabalho de Massey aponta que os laboratórios eram lugares "fechados"; "esses lugares de trabalho globalizados são espacos especializados e excludentes, defensivos, firmemente lacrados contra invasões 'dissidentes' de outros mundos" (p. 252). Em contrapartida, havia um contraste quando conduzia o olhar para os lares de pesquisadores-cientistas. "Os lares, agora, pareciam de alguma forma, espacos relativamente abertos e porosos" (p. 252). Os laboratórios não eram invadidos pelos lares, ao contrário do ambiente doméstico que era invadido pelos laboratórios com: presença de revistas científicas; conciliação de trabalho das pesquisadoras com os cuidados das crianças; blocos de notas ao lado das camas para anotações de ideias e demandas de trabalho. A autora destaca que "Havia uma invasão, decididamente, unilateral (que, sem dúvida, coloca sob um prisma diferente a retórica comum de um apagamento mal definido dos limites entre lar e trabalho), uma invasão do lar e trabalho[...]" (p. 253). Essas contribuições provocam a refletir sobre o vivenciado na pandemia – os limites entre lar, trabalho e universidade também mudaram e, conseqüentemente, os lugares ocupados passaram a ser lugares-dentro-dos-lugares. Portanto, essas vivências demandaram novas formas de lidar com os processos de aprender.

O pesquisador Bernard Chartot, em seus diferentes escritos, vai argumentar sobre a centralidade e necessidade do aprender como condição antropológica – de pessoas humanas frente ao desafio de aprender para sobreviver como membro da espécie humana; sociológica, marcada pelas diferentes inserções sociais, e pela

singularidade – a interpretação pessoal e os sentidos do aprender construídos por um sujeito que é, ao mesmo tempo, como ele afirma, social e singular (Chartot, 2000, 2009, 2021). Revisitando o seu percurso teórico, o autor analisa o valor heurístico de se operar com essa teoria quando o que está em jogo é o aprender e elenca dois princípios para abarcar, como ele afirma, a versão socioantropológica da teoria. O primeiro princípio é da tríade “humanização, socialização e singularização; aprender é um fato antropológico específico, que se constrói em uma história indissociavelmente social e singular; a relação com o saber é relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo” (Chartot, 2021, p. 8).

Como decorrência desse princípio, o autor enuncia o segundo princípio que inscreve o aprender em uma dimensão epistêmica, conectada a duas outras dimensões (identitária e social). Esse princípio insiste no fato de que aprender é sempre entrar em uma atividade epistêmica específica: a relação com o conhecimento é sempre relação com um tipo definido de aprender.

Mas esse princípio se articula com os precedentes, pois essa atividade epistêmica supõe certo tipo de relação com o mundo e define uma identidade de quem aprende. Portanto: a relação com o saber é sempre, ao mesmo tempo, epistêmica, identitária e social (Chartot, 2021, p. 9).

Com efeito, o epistêmico, identitário e social são indissociáveis nos processos de aprendizagem. Aprender é entrar em uma atividade epistêmica específica: relação com o conhecimento, que se articula e supõe uma relação compartilhada com o mundo e com os outros (relação social) e implicada em relações identitárias (Chartot, 2000, 2021). Nessa direção, a educação vai além de uma perspectiva cognitiva; reconhece as implicações antropológicas, sociológicas e singulares implícitas em nossa condição humana, social e culturalmente construída, na qual aprendemos desde que nascemos, incluindo as aprendizagens escolares, mas também, refletimos sobre as aprendizagens necessárias no contexto pandêmico.

No trabalho de Vieira, Charlot e Charlot (2023), essa teoria é adotada para analisar os sentidos atribuídos por estudantes do ensino superior às aulas remotas, durante a covid-19. Argumenta-se, no estudo, sobre o inacabamento do sujeito e da necessidade humana do aprender,

[...] existem várias formas de aprender, na escola, na universidade, e agora, com a expansão do digital em detrimento do presencial. Em todas as formas de aprender, há um sujeito confrontado com essa necessidade de saber e inscritos em relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo (p. 7).

O texto reflete sobre os sentidos de estudantes que se engajam em “uma nova forma de estudo que passou do presencial para a virtualidade com aulas remotas” (Vieira; Charlot; Charlot, 2023, p. 7). Sobre o ensino remoto, viabilizado pelo ciberespaço, observamos que “é virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais

determinados sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (Lévy, 1999, p. 47).

Nessa direção, destaca-se a experiência da espacialidade individual (cada indivíduo a acessa de um determinado espaço), para que juntos vivenciem a espacialidade social (grupo de indivíduos que socializam ao mesmo tempo o mesmo espaço). É possível acessarmos o virtual de diferentes territórios, independentemente dos limites geográficos (casa, trabalho, rua, sala de aula etc.) e nos conectarmos com outros sujeitos, interações em miríade de informações, bem como conhecimentos socialmente produzidos. Durante a covid-19, no recorte temporal adotado para este estudo (2020 a 2022), carregado de incertezas e apreensões com a saúde, com o fechamento, abertura gradual e retorno às atividades presenciais de escolas e universidades, os territórios da casa se apresentaram, inicialmente, como o principal local de acesso ao território virtual do ensino remoto e carregaram, também, reconfigurações temporais marcadas pela provisoriedade, já que o ensino remoto viabilizou o acesso à educação no período de dois anos, entre retornos presenciais e recuos, nos ambientes universitários.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

No percurso metodológico do trabalho, assumiu-se o enfoque (auto)biográfico adotado nas pesquisas em educação, conforme Delory-Momberger (2014), Souza (2014), Passeggi (2020) e Reis (2021).

Delory-Momberger (2014, p. 26-27) define o biográfico como “uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos.” O fato biográfico é o “viés da figuração narrativa que acompanha o percebido de nossa vida, esse espaço-tempo interior, segundo o qual representamos o seu desdobramento, sobre o qual nos situamos [...]” (p. 34).

Analisando as possibilidades de articulação teórica entre a teoria da relação com o saber na acepção de Bernard Chartot e a biografia em educação proposta por Delory-Momberger, Reis (2021, p. 14) afirma:

Tanto a teoria da relação com o saber e a pesquisa biográfica em educação partem do pressuposto de que o ser humano nasce inacabado e na relação com o mundo, com os outros e com si mesmo ‘torna-se, se singulariza, se constitui’ como sujeito singular/social.

Estabelecendo correlações entre essas perspectivas, a autora afirma que a pesquisa (auto)biográfica em educação “trata-se de processos de apropriação reflexiva do vivido, pela atribuição de sentidos, a partir das narrativas de si. As narrativas são construídas pela configuração dos fragmentos do vivido que produzem os motivos para cada um/a no presente” (Reis, 2021, p. 3).

Dessa forma, nosso esforço foi de escutar mulheres que estavam cursando o ensino superior no contexto da covid-19. Para a escolha das participantes do estudo, buscamos o seguinte perfil: encontrar-se matriculada no ensino superior (2020 -2021), pertencer à região de Governador Valadares, ter filhos/as, estar inserida no mercado de trabalho; pertencer a cursos de áreas distintas.

Considerando o contexto de isolamento social vivido (2020-2021), solicitamos a coordenadores e docentes de duas universidades a indicação de mulheres que atendiam ao perfil proposto. Foram indicadas seis estudantes e estabelecidos os contatos iniciais, que foram mais difíceis em função da pandemia. Destas, três aceitaram participar do estudo e, coincidentemente, pertenciam à faixa etária de 30 anos: Ana, mulher parda, casada, 39 anos, mãe de um filho e uma filha, desempregada devido à crise econômica da pandemia. Depois de vinte anos sem estudar, voltou à sala de aula do ensino superior como estudante do curso de Pedagogia. Diva, mulher branca, 33 anos, mãe de um filho de onze anos, divorciada, estudante do curso de Ciências Contábeis, trabalha em um escritório de contabilidade e é cabeleireira. Eva, mulher parda, 35 anos, casada, mãe de um filho de quatro anos, graduada em Direito, estudante de Medicina Veterinária, com trabalho voluntário em uma associação protetora de animais e proprietária de um Pet Shop.

O movimento de aproximação com as mulheres e a realização das entrevistas foram marcados por percalços e desafios que interpretamos como calcados pelas relações desiguais de gênero e pelas preocupações com a saúde, advindas da experiência com a covid-19. Conseguir os primeiros contatos, receber os aceites nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); agendar as primeiras conversas não foi uma tarefa fácil, o que já nos faz questionar os “lugares-dentro-dos-lugares” (Massey, 2015) na vida dessas mulheres e da pesquisadora responsável pela produção do material empírico. A comunicação, mesmo com o apoio das TDIC, que nos faz imaginar estarmos conectadas ao mesmo tempo, foi interceptada por demandas de trabalho, saúde, estudos e cuidados com a família.

As entrevistas, realizadas no primeiro semestre de 2022, foram conduzidas por uma “questão gerativa de narrativa”, baseada em Flick (2008, p. 165), com um enunciado elaborado intencionalmente para provocar a narrativa. Dessa forma, a questão gerativa de narrativa elaborada pelas autoras foi: *como já conversamos, gostaria de conhecer a sua história como estudante do ensino superior sendo mulher, mãe, trabalhadora, durante o período da pandemia da covid-19, quando foi anunciado o distanciamento social, em março de 2020, com o fechamento das universidades e adoção do ensino remoto, até o momento de retorno às aulas presenciais, em 2022. São dois anos de sua vida que quero conhecer. Você pode demorar o quanto quiser fazendo isto, incluindo também detalhes, porque, para mim, interessa tudo o que é importante para você.*

No período de realização das entrevistas já era possível um contato presencial, observando os protocolos de prevenção da covid-19, indicados pelo Ministério da

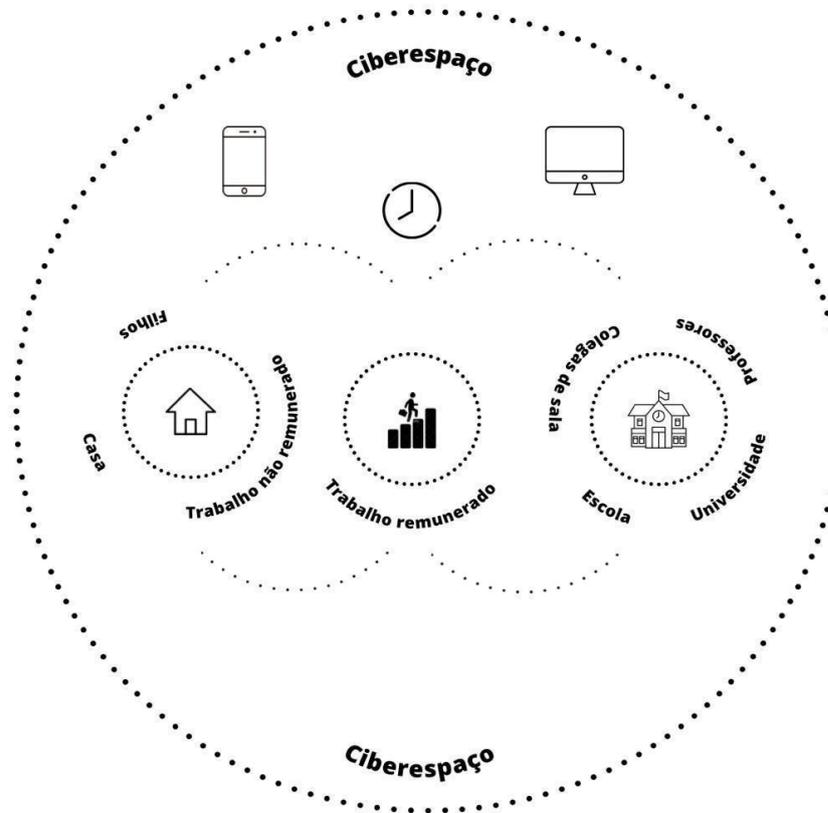
Saúde, utilizando medidas de proteção não farmacológicas (etiqueta respiratória, higienização das mãos, uso de máscaras). Realizamos as entrevistas em local indicado pelas estudantes, com duração de cerca de sessenta minutos e, após, fizemos a transcrição das gravações na sua integralidade. As transcrições foram enviadas para as estudantes para leitura e posterior retorno a uma das pesquisadoras, informando-as que poderiam fazer ajustes, acréscimos, supressões, entre outros que considerassem necessários.

Após esse movimento, foi realizado um segundo encontro com as estudantes. Esse retorno foi parte importante do processo, pois nos permitiu refletir e aprofundar algumas questões com cada participante. Reis (2021) aponta como importante o processo de retorno das entrevistas por meio do encontro entre pesquisadores e participantes, após a leitura das entrevistas, para que a restituição das transcrições seja compartilhada de maneira reflexiva. A seguir, fizemos sucessivas leituras das transcrições, atentas às ressonâncias (Chartot, 2009), ou seja, o que cada entrevista nos mostrava isoladamente sobre a história singular de cada uma, mas que ecoava nas demais, buscando captar processos e sentidos que nos permitissem refletir sobre vivências e aprendizagens dessas mulheres, tomando como referência analítica os “lugares-dentro-dos-lugares” (Massey, 2015).

4 OS LUGARES-DENTRO-DOS-LUGARES NAS VIDAS DE ANA, DIVA E EVA

Reconhecendo os atravessamentos territoriais e de gênero, encontramos os “lugares-dentro-dos-lugares” (Massey, 2015) que emergiram do conjunto narrativo das três entrevistadas: a casa e o vivido no isolamento social, que comportou a sala de aula remota, os cuidados com a casa e os/as filhos/as e as demandas profissionais. A Figura 1 apresenta um infográfico elaborado pelas pesquisadoras para representar os lugares-dentro-dos-lugares narrados pelas participantes, ao refletirem sobre as suas vivências e aprendizagens no contexto da covid-19.

Figura 1 – Infográfico de lugares-dentro-dos-lugares nas vidas das estudantes.



Fonte: elaboração própria.

Na Figura 1, identificamos, no círculo maior, o ciberespaço que integra e extrapola limites físicos, e por esse motivo, foi desenhado de maneira pontilhada, como um espaço aberto que independe dos limites geográficos (Lévy, 1999). As imagens de celular e computador representam os recursos utilizados para acesso ao ciberespaço e ao ensino remoto. O relógio, representado em uma imagem aberta, configura as marcações temporais: tempo da covid-19 que interceptou as nossas histórias, a simultaneidade temporal vivida pelas mulheres. A casa contornada pelos/as filhos/as e pelo trabalho não remunerado está dentro de um círculo aberto menor e representa a multiplicidade de demandas do feminino. Da mesma forma, em círculos abertos, representamos as aulas de filhos/a e a universidade rodeada pelos/as professores/as e colegas de sala. As estudantes entrevistadas interpretam os lugares a partir das relações socioespaciais produzidas pela condição feminina e se mobilizam aprendendo em múltiplas ações e em múltiplos lugares que compareceram em suas narrativas.

4.1 Narrativas de Ana

Ana, após vinte anos sem estudar, ingressa no ensino superior e opta pelo ensino presencial, por “temer” o uso da tecnologia na modalidade a distância:

Então a minha intenção foi sempre fazer minha faculdade aqui e ser presencial. Aí em 2019 eu tive essa oportunidade de começar bacana, estudar no 1º e o 2º período. Na hora que chegou 2020, justamente no mês de março, veio essa notícia! Que assim, surpreendeu o mundo, né? que é a Covid, que... veio esse isolamento social uma coisa que... né? Aí veio essa questão de estudar on-line, remoto, a aula remota. Aí eu: meu Deus, ai meu Jesus, tudo o que eu não queria, que eu nunca imaginei era estudar. Tudo novo pra todo mundo, usando as ferramentas tecnológicas, né? mediano esse ensino e assim, a gente teve que aprender, nó... assim, muitas coisas pra ta dando conta de continuar, né? (Ana, 2021).

Durante a covid-19, Ana teve um problema de saúde que acarretou, além das dificuldades com o adoecimento, preocupações adicionais para não contrair o vírus. A vida e a rotina de Ana, interceptadas pela covid-19, mudaram, e os lugares que ela ocupava antes passaram a ser os lugares-dentro-dos-lugares. Ana precisou adaptar-se e aprender a utilizar ferramentas tecnológicas, como ela enfatiza, cujo uso tem sido distribuído desigualmente pela associação que se faz dos homens como mais competentes para tal (Casagrande; Souza, 2017; Incerti; Casagrande, 2018; Lima, 2020).

Relata mudanças em sua vida, com o/a filho/a também estudando em casa, e o impacto de ter perdido o emprego devido à crise econômica causada pela pandemia, o que demandou outras aprendizagens.

A gente passa uns aperto e tudo, cansa... porque é difícil. Principalmente pra quem tá casada, quem tem filho... Tem muitos outros compromissos pra dar conta do estudo depois de um dia de cansada[...].Porque virou escola, virou casa, virou tudo ali [...] como é que você tá lá num grupo eh, de... pessoas integradas ao mesmo tempo? [...]. Então assim, foi muito difícil, não foi fácil. Em muitos momentos eu tava na sala eh, na sala virtual com o professor e aí tava falando no microfone e chegava minha menina, chegava meu filho, outra hora, eles conversando alto no corredor aí eu tinha que pedir licença, pedir desculpa. Dá licença, ai eu desligava o microfone, ia lá para chamar a atenção, pedir pra falar mais baixo porque tava atrapalhando[...] (Ana, 2021).

A simultaneidade vivida por Ana, mediada pelas TDIC (*WhatsApp, Google Meet, Google Sala de aula*), entrecruza-se com a multiplicidade das demandas femininas, formando lugares-dentro-dos-lugares, auxiliados pelas potencialidades do ciberespaço que possibilitam inúmeras formas de comunicação (síncrona, assíncrona, com câmera aberta, sem câmera, por meio de imagens, de som gravado por áudio), possibilitando o equilíbrio (ou desequilíbrio) entre uma demanda e outra e todas ao mesmo tempo. O virtual gera demonstrações concretas “[...] em diferentes momentos e locais determinados [...]” (Lévy, 1999, p. 47) sem, contudo, estar preso em determinado lugar ou tempo (Lévy, 1999).

É nesse trânsito territorial que Ana relata suas aprendizagens sobre a sua escrita:

Desenvolvi muito muito a minha escrita, assim, meu aprendizado mesmo com esse processo de pandemia que teve; e o uso da tecnologia, necessária no ensino remoto: As tecnologias foram principais, fundamentais, o uso delas, aprender corretamente a fazer o uso, então assim, foram muitos aprendizados (Ana, 2021).

A pandemia restringiu o envolvimento das mulheres em atividades econômicas de maneira significativa gerando impactos no empoderamento (ONU Mulheres, 2020a; Unesco, 2020b), como ocorre com Ana que persevera nos estudos, se desdobra com os cuidados com a família e se propõe a cuidar mais de si mesma:

Parei de trabalhar também, porque eu estava trabalhando em uma escola como estagiária, mas tudo parou. As escolas fecharam. A gente passa uns aperto e tudo, cansa... porque é difícil. Principalmente pra quem tá casada, quem tem filho... Tem muitos outros compromissos pra dar conta do estudo depois de um dia de cansada. A primeira coisa que aprendi é a disciplina. Porque dar conta daquele momento ali dentro da minha casa, esse pra mim foi o foco. Dentro da minha casa eu tinha que reservar ali um cantinho pra mim, pra meu estudo, minha dedicação, então eu aprendi muito com essa questão. Tipo assim, ter meu próprio cuidado, tirar meu tempo pra mim (Ana, 2021).

A covid-19 intercepta a vida de Ana colando-a na situação de desemprego e, ao mesmo tempo, provoca diferentes aprendizagens: organizar-se nas práticas de cuidado em casa; lidar com a tecnologia (posto que o curso escolhido era na modalidade presencial); reconhecer o empenho e esforço de professores/as; aprender a não se expor e a se resguardar mediante uma cirurgia e a doença que vivenciou. Com isso, aprende os limites do ensino remoto que dificulta aproximações e confidências, pois ela sentia falta de compartilhar seus problemas de saúde com colegas de sala; reconhece que melhorou em sua escrita, aprende a se organizar, a se adaptar e a cuidar de si.

Podemos identificar nas aprendizagens de Ana os entrelaçamentos das dimensões epistêmicas, identitárias e sociais. Ainda que interpelada pelas relações desiguais de gênero, Ana consegue reservar espaço para si e para estudar. A própria organização espacial apresenta-se para ela como possibilidade de aprendizagem, além de cuidar mais de si e dedicar-se um tempo como estudante.

Nesse contexto, Ana reafirma o desejo de estar em uma sala de aula presencial, na qual poderia compartilhar com colegas suas dificuldades e se concentrar, sem muitas demandas. Esse desejo dos estudantes de estarem fisicamente com os colegas, também comparece no estudo conduzido por Vieira, Charlot e Charlot (2023, p. 10):

A prevalência da necessidade da presença do outro, com a figura do professor e dos colegas de classe sendo evidenciadas, mostra como esses atores fazem falta nas relações com o saber e com o aprender e o quão são importantes nessas experiências de aprendizagens. Do mesmo modo, percebemos como somos seres de relações e o quanto a falta de socialização física com os colegas interfere na relação com o saber. Com as aulas on-line, dentro de casa, a rotina de estudo torna-se solitária e cansativa.

O que Ana aprende na universidade, via ensino remoto, não se descola do que ela aprende com o mundo, com os/as outros/as, e do que ela aprende com ela mesma, no momento que reserva um espaço em sua casa e um tempo de dedicação para si. Por isso, suas narrativas permitem identificar o imbricamento do epistêmico, identitário e social e suas experiências nos diferentes espaços sociais: “pelas atividades construímos nossa relação com o mundo, com os outros e com nós mesmos, que se articulam enquanto relação epistêmica, social e identitária com o saber” (Reis, 2021, p. 14).

Das três mulheres entrevistadas, Ana explicita de modo mais acentuado as desigualdades de gênero e suas aspirações para o ensino superior:

Eu posso falar por ser uma questão de gênero. Que a gente tá numa sociedade moderna, mas assim, o que a gente percebe, é que há muito ainda né? a desvalorização principalmente do sexo feminino. Mas que a mulher já tomou bastante espaço, né? Cada vez mais vai se desenvolvendo, mas assim que ainda tem muitos lugares que tem essa dificuldade, de achar que o homem que tem que ser o centro, o homem que tem que estar sempre acima, na frente. Só que assim isso é mostrado assim embasado né? Que a mulher também tem o seu potencial. Mulher tem a sua qualificação. A mulher tem a sua responsabilidade. Mulher tem o seu potencial assim que dar conta. Dar conta da sua vida, de dar conta da sua família, dar conta do seu trabalho, de estudo e assim o que eu penso é que eu gostaria que ficasse assim, que todas as mulheres, né? principalmente percebessem que apesar das dificuldades, apesar de certa discriminação, né? que o mundo acaba tendo com a gente, com as mulheres, mas assim que a gente não pode se deixar abater, tem que viver lutando, viver querendo mais, né? querer crescer, estudar, em meio as dificuldades, mas sempre querendo assim: melhorar, né? aquele espaço, de tentar assim... até ter uma igualdade. Porque eu acho que é meio desigual ainda. Acho que a questão do gênero masculino é que é sempre questão de ter um pouquinho de preconceito com essas relações. Então eu penso assim que a mulher sempre tem que lutar, buscar, conquistar o seu espaço, tentar melhorar. Aquilo que ela quer e assim sou capaz, sou capaz e vou correr atrás e vou conseguir meu espaço, seja onde que a pessoa quiser estudar, seja o mercado, o sonho que a pessoa tiver é buscar, não desistir não. Porque a gente tem... igual eu falei: ah! tô com quase quarenta anos. Então foi a oportunidade que eu tive foi agora, né? Não posso nem reclamar. Então ainda tô estudando. Ainda vou continuar estudando, que a gente sabe que num pode parar de estudar. E buscar sempre melhorar. É o que eu falo que eu deixo (Ana, 2021).

Ana aprende com o que ecoa do movimento feminista sobre a valorização da mulher, a importância da independência financeira, a busca pela qualificação (Casagrande, 2022; Loyola, 2020); aprende a se valorizar e apresenta o dar conta para além do âmbito doméstico. Ela dribla o tempo e o conforma nos lugares-dentro-dos-lugares produzindo sentidos para o aprender.

4.2 Narrativas de Diva

Na vida de Diva, captamos, pelas narrativas, o modo como ela pluralizou o tempo em suas vivências socioespaciais, lidou com a dor da perda do pai, com dificuldades financeiras, com dificuldades no ensino remoto. A multiplicidade de demandas do feminino se entrelaçou com as múltiplas demandas profissionais que enfrentou, que a levaram a conciliar trabalho, estudo e casa:

Então eu tive muita, mas muita dificuldade no primeiro período on-line, nossa... Aí eu tive que providenciar a compra de um computador urgente e fui tentando urgente e fui tentando conciliar. No 1º período mesmo eu fui reprovada se não me engano... acho que em duas matérias, por que não conseguia acompanhar o professor. Aí eu fui tentando conciliar, o trabalho, meu filho, até que a gente pegou o ritmo de novo da aula on-line. Trazia o notebook, trabalhava e participava da aula ao mesmo tempo. Era uma loucura. O ensino foi péssimo, péssimo mesmo, praticamente a gente não estudou. Aí tinha vez que não aguentava, estava cansada e ficava desanimada... Aquela confusão doida, de vizinho, barulho de som... Praticamente impossível estudar dentro de casa, mas aí a gente foi levando. Aí eu perdi... perdi meu pai pra Covid também. Aí eu fiquei com uma matéria que eu reprovei por causa disso também, porque... perdi meu pai (Diva, 2021).

Nas entrevistas com Diva, percebe-se que é no trabalho fora de casa que ela dedica grande parte do seu relato. Nesse período, Diva, que era cabeleireira, se vê afetada profissionalmente pela pandemia, como outras mulheres (ONU Mulheres, 2020a; Unesco, 2020b), mas consegue realizar um sonho antigo de assumir um trabalho em sua área de formação, atuando em uma empresa, no trabalho remoto, o que passa a conciliar com as suas atividades como cabeleireira. Seu tempo cronológico é multiplicado pelo seu engajamento com as atividades laborais e responsabilidades com os trabalhos remunerados e os da casa.

Do ponto de vista da relação com o saber, a interpretação pessoal e os sentidos do aprender construídos por Diva são sociais e singulares (Chartot, 2000, 2009, 2021). Podemos inferir, pelo seu relato, várias aprendizagens que ela conciliava com seu trabalho no escritório e com os estudos. Ela se vê às voltas com a organização de atividades de trabalho, "administrando o financeiro de uma empresa" que requer cálculos, organização de planilhas, conferências, projeções, dentre outras aprendizagens, ao passo que ela afirma não aprender no ensino remoto, pois era "impossível estudar com barulho", referindo-se ao espaço doméstico no isolamento social.

A vida profissional de Diva também se relaciona com o cuidado com os outros/as (filho, pais, companheiro), dificuldades financeiras, necessidade do seu trabalho remunerado para a família e melhoria do acesso familiar a equipamentos e internet.

[...] sempre tive que trabalhar para ajudar meus pais, comecei a trabalhar cedo no meu bairro. [...] Tinha que ter internet em casa, na época eu tava sem internet em casa. Tinha que ter computador próprio também, porque não era qualquer computador, que o sistema que eles colocaram pra gente... o computador tem que suportar. [...] Eu tive que arrumar um computador pra ele [para o filho estudar] (Diva, 2021).

Diva, além de enfrentar dificuldades e desafios no período da pandemia, como adquirir plano de internet, equipamentos, trabalhar em dois empregos, estudar dentro de casa e no trabalho, ajudar seu filho com as tarefas da escola, precisou lidar com o momento de luto e dor pela perda do seu pai, que integra os números refletidos pelos processos de negação da ciência, culminando no agravamento da pandemia no Brasil (Fiocruz, 2022):

A gente aprendeu a dar mais valor, né? Ficar dentro de casa com a família... apareceu uma realidade que, de repente você estava morrendo, então você acabou dando mais valor aquilo que você tinha, aqueles momentos que às vezes a gente na correria nem para pra ter com a família (Diva, 2021).

Sobre suas aprendizagens no ensino remoto, Diva aponta:

Acho que não teve nenhum aprendizado não. Foi muito corrido, foi muita loucura, foi levando assim mesmo... empurrando mesmo. Num teve aquela aprendizagem nessa época não, Foi muito, foi muito louco, muita loucura mesmo aí teve um stress maior, aquele medo de se pegar o vírus, aquela coisa assim... então não teve alguma coisa que marcou, não teve alguma aprendizagem. E praticamente a gente nem estudava, né? Um ajudava o outro e colava demais e tudo e eu levando... engambelando aquela situação (Diva, 2021).

Diva não aponta aprendizagens como estudante do ensino superior; as aprendizagens destacadas por ela se relacionam a um conjunto de práticas no seu dia a dia, associadas à sua inserção muito jovem no mercado de trabalho, do qual depende a sua sobrevivência, e aos cuidados com a mãe e o filho. A pandemia da covid-19 intercepta sua vida e provoca diferentes aprendizagens que se traduzem e se relacionam com as dimensões identitárias, sociais e epistêmicas, marcadas pela apreensão com o vírus: lidar com a tecnologia, aproveitar as oportunidades de trabalho, aprender a empreender, aproveitar a oportunidade de administrar o financeiro de uma empresa, reafirmar os laços com a família e valorizá-la, aprender a se adaptar e a ser resiliente. É importante destacar a força do trabalho em sua vida e as suas aprendizagens em decorrência dele.

4.3 Narrativas de Eva

Eva acredita que mulheres “*têm dom*”, e esse modo de pensar é questionado nos estudos de gênero pelas narrativas históricas e socialmente construídas sobre as mulheres, porque escamoteiam desigualdades de gênero e sobrecarregam as mulheres (Casagrande; Souza, 2017; Lima, 2020; Souza; Fonseca, 2013).

A mulher tem um dom de querer antecipar as coisas... quando eu comecei a ver as reportagens sobre os primeiros casos de Covid no exterior, em outros países, né? E a proporção que foi tomando com o avanço em outras nações, enfim... e com a perspectiva de chegar ao Brasil a qualquer momento, nessa época eu já sentei com meu esposo e aí eu já comecei a levantar essas questões. Essas preocupações com relação a economia, como a Covid atingiria o nosso país, a nossa vida, né? a nossa rotina, os trabalhos, enfim sem imaginar jamais que atingiria de forma tão abrangente, (rs) tão e tão severa néeh? como foi! De uma forma tão avassaladora (Eva, 2021).

Mostrou-se resiliente e empreendedora ao tomar as rédeas das economias da família e buscar outros caminhos para seguir sua vida profissional e autônoma.

Nós migramos lá para o Pet Shop então isso é uma coisa muito importante porque assim, pra mim a pandemia foi sucesso! Eu digo isso porque a gente se redescobriu. Então assim, apesar de todos os transtornos que a gente teve, das mortes, enfim... a empresa através de mim, a gente conseguiu se redescobrir e ao invés de perder os clientes a gente ganhou mais clientes. E aí a gente começou a divulgar que nós estávamos funcionando como hotelzinho, mesmo na pandemia [...]. Aí a gente começou a fazer uma publicidade no sentido de que os animais estavam ficando presos dentro de casa, estressados, e que lá por ser um ambiente aberto, com contato com a natureza eles ficariam muito mais, né? Teriam muito mais qualidade de vida, passeando, passando alguns dias lá conosco no hotel. Então, foi assim que a gente começou! (Eva, 2021).

Quanto à intercepção das aulas, o acesso ao ensino remoto, o seu trabalho e empreendimento próprio, foram marcados por tensões e desafios entrecruzados com as demandas femininas de cuidado e da universidade.

Eu vou te dizer que eu não consegui conciliar as aulas com o trabalho em casa e com filho e marido, Infelizmente eu não assistia quase aulas nenhuma em decorrência disso tive que me privar porque eu não conseguia me desdobrar em tantas demandas, então eu não conseguia assistir aulas nesse período, eu fazia mais os trabalhos e as provas (Eva, 2021).

As narrativas de Eva explicitam as desigualdades de gênero no período pandêmico, pela força das práticas de cuidado nos territórios da casa, como alertam Souza e Fonseca (2013): cuidado com o/a filho/a, tarefas domésticas como cozinhar, passar, lavar, decidir o que comer, entre outras. “Trata-se de obstáculos não formais

que dificultam a trajetória feminina nas ciências e no mercado de trabalho como um todo” (Casagrande; Souza, 2017, p. 181), e nas vivências do ensino remoto e que são atravessadas pelas tarefas domésticas, como nos mostra Eva que se multiplica para realizá-las. Normalmente, levanta-se *“às cinco da madrugada”, “faz algumas coisas antes de ir para a faculdade”,* desdobra-se nos cuidados com o filho, com o trabalho, e pelo seu relato, madrugou para estudar para uma prova, exigência escolar que se manteve, mesmo no período atípico do ensino remoto.

Além da preocupação com os trabalhos e as provas, a narrativa de Eva mostra também a necessidade de contabilização de faltas e presenças em sala de aula no ensino remoto – para onde se transpôs os ritos e as normatizações do ensino presencial:

Eu vou te dizer que eu não consegui conciliar as aulas com o trabalho em casa. Então eu não conseguia assistir aulas nesse período, eu fazia mais os trabalhos e as provas, e depois no ano seguinte começou a ter lista de chamada, enfim, presença em sala de aula, aí eu voltei a assistir aulas (Eva, 2021).

Quando questionada a respeito de suas aprendizagens no período da pandemia, Eva cita as aprendizagens relacionadas à convivência com a pandemia que trouxe insegurança, necessidade de adaptação, força para superar crises, e no caso dela, abriu possibilidades para empreender.

Apreendi que a gente vive, mas que fatos exteriores, podem alterar totalmente a nossa rotina, os nossos planos. A pandemia quebrou a rotina de todo o mundo mudou, virou a nossa vida de cabeça pra baixo, e a gente percebeu que realmente a gente não tem controle de nada. E que o mais importante na vida é a saúde! Foi o que eu aprendi. E eu aprendi que a gente pode se adaptar, que a gente pode se reinventar o tempo todo, e que não devemos nos deixar abater pelas crises. Através de mim [pela ideia do petshop], a gente conseguiu se redescobrir e ao invés de perder os clientes a gente ganhou mais clientes. Então eu continuei trabalhando graças a essa ideia que a gente teve na pandemia e hoje aí eu vi que era, que funcionou, eu vi que tava dando certo e aí a gente migrou todo o nosso negócio (Eva, 2021).

Nesse sentido, podemos conferir a tripla dimensão epistêmica, social e identitária nos processos de aprendizagem de Eva; dimensão essa muito marcada pelas práticas do cuidado com a casa, o filho e o trabalho assumido, que também requer cuidados. Destacam-se como aprendizagens: empreender, reinventar-se, reforçar a maternidade, ser resiliente, aprender a se adaptar, aprender que fatos exteriores podem alterar a sua rotina, aprender que não tem controle de tudo e que não deve se deixar abalar pelas crises. Com relação a crises, *“As mulheres estão na linha de frente da resposta [a Covid-19] e assumem custos físicos e emocionais”* (ONU Mulheres, 2020a, p. 1).

4.4 Reflexões sobre as narrativas

As narrativas de Ana, Diva e Eva evidenciam dificuldades femininas no período da covid-19, que se apresentam nos esforços para driblar o tempo para dar conta das demandas como mães, profissionais, filhas, estudantes e como o isolamento social apresentou práticas socioespaciais delas e das famílias, nos territórios da casa. As narrativas também ecoam vozes do movimento feminista sobre a valorização da mulher, a importância da independência financeira, a busca pela qualificação, a autovalorização, e apresenta o dar conta para além do âmbito doméstico e aos cuidados com a saúde (Casagrande, 2022; Casagrande, Carvalho, 2006; Loyola, 2020, ONU Mulheres, 2020a, 2020b).

Essas narrativas mostram as responsabilidades que recaem sobre as mulheres no cuidado com filhos/as, e, se imaginarmos que no período pandêmico e de distanciamento social muitos homens também permaneceram no trabalho remoto, somos instigadas a pensar sobre as persistentes desigualdades de gênero. Massey (2015) argumenta sobre o político nos processos de espacialização e problematiza a produção de narrativas únicas em relações assimétricas de poder. As narrativas das estudantes possibilitam confrontar narrativas hegemônicas e denunciar desigualdades de gênero. O teor dessas narrativas ecoa a luta pela equidade de gênero, denuncia opressões e evidencia a busca pela educação, que são tecidas em relações desiguais de poder, entre modos masculinos de organização da vida e que impregna os territórios, e modos femininos de enfrentamento, nas práticas socioespaciais e sociotemporais.

Ao refletir sobre as geometrias de poder, Massey problematiza nossos modos de pensar a fixidez temporal e espacial para mostrar a imbricação de espaços-tempos nas relações sociais, políticas e de poder. A autora enfatiza que além de reconhecer o espacial como político, é necessário:

[...] sobretudo, pensar no espacial de um modo específico [que] pode perturbar a maneira em que certas questões políticas são formuladas, pode contribuir para argumentações políticas já em curso e – mais profundamente – pode ser um elemento essencial na estrutura imaginativa que permite, em primeiro lugar, uma abertura para a genuína esfera do político (Massey, 2015, p. 29-30).

As narrativas das mulheres provocam a reflexão sobre formulações políticas de modos de organização social, que as sobrecarregaram durante a pandemia, e explicitam desigualdades de gênero.

Ninguém tem ideia do que eu passei na minha casa! "(Momento em que adoeceu e ficou sozinha). "Eu posso falar por ser uma questão de gênero. Que a gente tá numa sociedade moderna, mas assim, o que a gente percebe, é que há muito ainda né? a desvalorização principalmente do sexo feminino (Ana, 2021).

Porque para as mulheres é muito mais difícil. Muito mais, ainda pra quem é casada. Porque é homem, é filho, é a casa que você tem que cuidar, é tudo... Nosso Deus! Tem dia que parece que eu não tô dando conta da minha vida, de tanta correria... só sei que fiquei com trauma de estudo, não quero nem saber de estudo na minha vida (Diva, 2021).

Então assim, minha rotina basicamente é muito puxada. Eu trabalho de segunda a segunda e estudo de madrugada, igual hoje eu acordei às três horas da manhã pra estudar pras provas de hoje e tô aí na correria. Amanhã tem mais prova, tô aqui agora trabalhando, tentando liberar cedo pra eu conseguir estudar pra prova de amanhã. Então assim, realmente a rotina de conciliar, ser mãe, né? (Eva, 2021).

Em suas narrativas reafirmam singularidades como mulheres, tecidas em suas histórias sociais marcadas pela condição feminina, e as aprendizagens se tecem em práticas de cuidado femininas, que antecedem o contexto da covid-19, permeando as condições de estudantes no ensino remoto.

Dessas aprendizagens destacamos:

- a) Uso das tecnologias: aprenderam a se readaptar ao uso das tecnologias para acessar o ensino remoto. As atividades que eram vivenciadas presencialmente passaram a ser vivenciadas de maneira virtual, como reuniões, aulas, oficinas, estúdios, orientações de TCC, encontros com colegas de sala, e que a tela dos computadores e celulares dificultam as relações interpessoais.
- b) Adaptação: aprenderam a se superar, se reinventar, ser resilientes, resistentes, refazer planejamentos, empreender, lidar com as perdas das pessoas vítimas da covid-19, pessoas próximas (pai, no caso de Diva, amigos/as, vizinhos/as, familiares) e não tão próximas, mas que, de uma forma ou de outra, impactaram suas vidas e até mesmo aprenderam a traçar suas rotas de fuga.
- c) Valorização: aprenderam a valorizar a vida, a driblar os tempos do relógio, a valorar suas aprendizagens diárias e suas forças a despeito das desigualdades de gênero.

Enfim, o tempo vivido na pandemia foi um período de sofrimentos, incertezas e desafios. Tempo que as mulheres deste estudo aprenderam para além das telas e no trânsito entre territórios – da casa, do trabalho, do ensino remoto – e que comportaram sempre lugares-dentro-dos-lugares. Os resultados do estudo de Vieira; Charlot; Charlot, (2023) colocam em evidência os sofrimentos dos estudantes com o isolamento social e com transtornos psíquicos. As mulheres deste estudo também mostram sofrimentos. Chama a nossa atenção, como pesquisadoras, o fato de que não comparecem, em suas narrativas, referências aos cuidados com a saúde, ao isolamento social, a questões socioemocionais, pautando debates ou discussões no ensino remoto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As participantes deste estudo explicitaram como vivenciaram práticas socioespaciais e sociotemporais recortadas e, ao mesmo tempo, pluralizadas nos múltiplos lugares durante a pandemia da covid-19, nos quais tiveram que se desdobrar em muitos papéis, vivendo as regras e modos de organização dos lugares. Em uns são mães; em outros são estudantes; companheiras; donas de casa e profissionais do mercado de trabalho.

Consideramos que as aprendizagens que essas mulheres trazem são tecidas na condição feminina, nos tempos da covid-19. Ana, Diva e Eva mostram aprendizagens relacionadas às contingências temporais – de lidar com os tempos das famílias em casa e conseguirem tempo para o estudo –, a buscar se reafirmarem como independentes financeiramente, a criar estratégias de estudos, a administrar seus diversos lugares-dentro-dos-lugares, a empreender, a usar as tecnologias nos estudos, a adaptar-se às situações adversas e ainda encontrar um tempo para cuidar de si e de estar com elas mesmas, valorizando mais as suas vidas.

O período de transição do ensino presencial para o ensino remoto, durante a pandemia, é marcado, para essas mulheres, por práticas de cuidado femininas tecidas em desigualdades de gênero, nas quais elas assumem os cuidados com o outro, mas também carrega as marcas da busca pela equidade de gênero, na persistência delas em continuarem os estudos e com as atividades profissionais. Tem-se que a pesquisa foi marcada pelas contingências da covid-19, o que dificultou a escuta de um número maior de mulheres contemplando diferenças geracionais, de raça, de classe e territoriais. Portanto, os limites deste estudo abrem possibilidades de outras narrativas de mulheres estudantes durante a pandemia.

Ressaltamos que foram inúmeras as sequelas e retrocessos causados pela pandemia da covid-19 no que tange à educação, trabalho, saúde e à busca pela equidade de gênero. Para a reposição significativa dessas perdas, faz-se necessário, em termos gerais, investimentos em educação, oferta de condições e oportunidades iguais no tocante ao gênero, bem como políticas públicas que busquem romper com as desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, G. S.; VILARINHO, L. R. G. Desigualdades de oportunidades educacionais: evidências e reflexões a partir da Pandemia da COVID-19. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 10914, 2023. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/10914>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.

Diário Oficial da União, Brasília, 18 de agosto de 2020. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=20/03/2020&jornal=602&pagina=1>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP, nº 02 de 05 de agosto de 2021.

Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar. **Diário Oficial da União**, Brasília, seção 1, p. 51, 5 ago. 2021. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=199151-rcp002-21&category_slug=agosto-2021-pdf&Itemid=30192.

Acesso em: 15 mar. 2025.

CASAGRANDE, L. S. Helena Hirata fala aos cadernos de gênero e tecnologia.

Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 5-11, 2022. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/xVgHbH4Mqrk9MZfzDvznpj6M/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 15 mar. 2025.

CASAGRANDE, L. S.; CARVALHO, M. G. de. Gênero: um conceito múltiplos enfoques.

Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, v. 2, n. 8, p. 9-24, 2006. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/6154>. Acesso em: 15 mar. 2025.

CASAGRANDE, L. S.; SOUZA, Â. M. F. de L. Percorrendo labirintos: trajetórias e

desafios de estudantes de engenharias e licenciaturas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, p. 168-200, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/xVgHbH4Mqrk9MZfzDvznpj6M/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 15 mar. 2025.

CHARLOT, B. Os fundamentos antropológicos de uma teoria da relação com o

saber. **Revista Internacional Educon**, Sergipe, v. 2675, p. 672, 2021. Disponível em:

<https://grupoeducon.com/revista/index.php/revista/article/view/1727/1363>. Acesso

em: 15 mar. 2025.

CHARLOT, B. **A Relação com o saber nos meios populares**: uma investigação nos liceus profissionais de subúrbio. Porto: Livpsic, 2009.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre:

Artes Médicas Sul, 2000.

CORRÊA, T. H. B.; FERNÁNDEZ, J. C.; REYES, C. B. Ponto de inflexão: a escola entre o presente e o futuro. **Quaestio: Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 23, n. 3, p. 721-740, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/4790>. Acesso em: 15 mar. 2025.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figura do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Boletim Covid-19**: balanço de 2 anos. Brasil: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em:

<https://portal.fiocruz.br/documento/boletim-covid-balanco-de-2-anos-da-pandemia>. Acesso em: 15 mar. 2025.

FIOCRUZ. **Fundação Oswaldo Cruz**. Brasil: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br>. Acesso em: 15 mar. 2025.

IBGE. **Estatísticas de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 15 mar. 2025.

INCERTI, T. G. V.; CASAGRANDE, L. S. Elas fizeram parte da história da ciência e da tecnologia e são inventoras sim! **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 11, n. 37, p. 5-26, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/7271>. Acesso em: 15 mar. 2025.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, A. L. D. **Retratos da educação no contexto da pandemia do coronavírus**: um olhar sobre múltiplas desigualdades. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2020.

Disponível em: https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2021/02/Retratos-da-Educacao-na-Pandemia_digital-_outubro20.pdf. Acesso em: 15 mar. 2025.

LOYOLA, M. A. Covid-19: uma agenda de pesquisa em torno das questões de gênero. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 1-7, 2020.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/ZgXxPRhgP4Gd7sq4yM4BSmq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2025.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, p. 1-35, 2020. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 15 mar. 2025.

ONU MULHERES. **Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe:** dimensões de gênero na resposta. Brasília: ONU MULHERES, 2020a. Disponível em:

https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf. Acesso em: 15 mar. 2025.

ONU MULHERES. **Covid-19 e igualdade de gênero:** um apelo a ação para o setor privado. Brasília: ONU MULHERES, 2020b. Disponível em:

https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Princ%C3%ADpios-de-Empoderamento-das-mulheres_COVID19_rev_2.pdf. Acesso em: 15 mar. 2025.

PASSEGGI, M. da C. Enfoques narrativos en la investigación educativa

brasileña1. **Revista Paradigma**, Venezuela, v. 41, p. 57-79, 2020. Disponível em:

<https://revistaparadigma.com.br/index.php/paradigma/article/view/929>. Acesso em: 15 mar. 2025.

RBMC. **Rede Brasileira de Mulheres Cientistas.** Brasil: RBMC, 2025. Disponível em:

<https://mulherescientistas.org>. Acesso em: 15 mar. 2025.

REIS, R. Diálogos entre questões de pesquisa que orientam a teoria da relação com o saber de Bernard Charlot e pesquisa biográfica em educação de Christine Delory-Momberger. **Revista Internacional Educon**, Sergipe, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2021.

Disponível em: <https://grupoeducon.com/revista/index.php/revista/article/view/1733>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SAMPAIO, H.; AMARAL, E. M.; CARNEIRO, A. M. Desafios para a permanência no ensino superior após a pandemia de Covid-19. **Revista Educação e Cultura**

Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-24, 2023. Disponível em:

<https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/10585>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**,

Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SOUZA, E. C. de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/11344>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SOUZA, M. C. R. F. de; FONSECA, M. da C. F. R. Territórios da casa, matemática e relações de gênero na EJA. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 148, p. 256-

279, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Rb74LwdSZLcvTBQPdVFtkYm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2025.

UNESCO. **COVID-19 e educação superior:** dos efeitos imediatos ao dia seguinte.

Brasília: Unesco, 2020a. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374886>. Acesso em: 15 mar. 2025.

UNESCO. **Reconstruir com igualdade:** guia para o retorno de meninas à escola.

Brasília: Unesco, 2020b. Disponível em:

https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374094_por. Acesso em: 15 mar. 2025.

VIEIRA, K. S.; CHARLOT, B.; CHARLOT, V. A. C. da S. Relação com o saber em aulas remotas: uma pesquisa com universitários em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, p. 1-21, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/DmMgDVnWqJYV6775mrmCmJP>. Acesso em: 15 mar. 2025

Contribuição das autoras

Karine Keily Rangel Teixeira - Revisão de literatura, produção do material empírico, análise e escrita do texto.

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza - Orientação, análise do material empírico e redação do texto.

Cristiane Mendes Netto - Coorientação, análise do material empírico e redação do texto.

Revisão gramatical por:

Elyzabeth Lopes Latorre

E-mail: latorreliza@gmail.com